



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **TIJOLO POR TIJOLO NUM DESENHO (NEM SEMPRE) LÓGICO**

**Francisco de Assis Pereira Piolho**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN**

[fpioelho@gmail.com](mailto:fpioelho@gmail.com)

**Ana Maria Moraes Costa**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – doutoranda PPGCS**

[anamorais@uern.br](mailto:anamorais@uern.br)

**Simone Cabral Marinho dos Santos**

**Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte – doutoranda PPGCS**

[Simone.cms@hotmail.com](mailto:Simone.cms@hotmail.com)

### **1 Breve Contextualização**

O Assentamento Moacir Lucena, localizado no Município de Apodi-RN, como as demais áreas de assentamento é resultado de uma luta política dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais pelo acesso à terra. Lá vivem e trabalham vinte famílias. Por meio da Associação de Moradores essas famílias têm uma ampla participação na vida social, política e cultural da comunidade, que conta com diversos espaços organizativos como grupo de mulheres, grupos juvenis e o acompanhamento de uma Cooperativa de Assistência Técnica, além da ação do Sindicato de Trabalhadores Rurais, do Instituto Nacional de Colonização de Reforma Agrária (INCRA), do Ministério Desenvolvimento Agrário (MDA) e diversos projetos de extensão universitária.

A ação do Centro Rural de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC) chegou por meio do Território Rural Sertão do Apodi e do Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC), com o qual a Pró-Reitoria de Extensão da UERN já desenvolvia uma parceria em diversas outras ações. O que se colocava para o CRUTAC era a necessidade de elaborar um projeto técnico que possibilitasse a cada família, através do INCRA ter acesso ao fundo de melhoria da habitação na área de higiene e saúde e com isto realizar alguma melhoria em suas residências, como piso, banheiro e cozinha. A perspectiva era, portanto, de elaboração de um projeto técnico com um caráter específico na aplicação dos recursos.



Visitamos a comunidade e descobrimos que as famílias tinham sonhos e desejos diferentes daquilo que o governo propunha. Questionava-se porque o banheiro e não um alpendre? Porque cerâmica e azulejos para a cozinha e não um armazém para guardar as “quinquilharias” e a produção armazenada na pequena sala? (Foto 01). Ao lado do líder da Comunidade, Irapuan Ângelo Gurgel Gomes e da COOPERVIDA que presta Assistência Técnica à Comunidade, fomos a cada moradia recolhendo as preocupações e queixas. Em seguida nos reunimos, na escolinha da comunidade, com todos os interessados (homens, mulheres e criança) e constituímos uma comissão com uma coordenação tríplice: Professor Francisco de Assis Pereira Piolho - Engenheiro Civil e Superintendente do CRUTAC/UERN, Irapuã Ângelo Gurgel – Agricultor e líder da comunidade e Neurivan Vicente da Silva – Agrônomo representante da COOPERVIDA. Como colaboradores: Ana Maria Morais Costa, Vinícius Claudino, Nazaré Davi – UERN e Edmilson Lopes Júnior – UFRN.

Após a reunião à equipe aprofundou a discussão sobre a heterogeneidade das proposições reivindicatórias dos sujeitos e atores, e assumiu que o projeto deveria contemplar os seguintes compromissos:

- a) Defender que cada uma das famílias beneficiadas possa intervir propositivamente no destino dos recursos financeiros, adaptando-os às suas necessidades imediatas e projetos futuros;
- b) Apontar que essa readequação (ou flexibilização) é política, financeira e eticamente justificável;
- c) Construir um perfil sócio-antropológico das famílias envolvidas, apontando objetivamente como os recursos podem ser aplicados de forma a aumentar a racionalização dos gastos e atender melhor as necessidades dos núcleos familiares;
- d) Garantir que o projeto em todas as suas fases será pautado pela metodologia participativa favorecendo o protagonismo das famílias e da comunidade.

A nosso ver a construção de um consenso, materializado em compromisso seria um passo fundamental na parceria e no fortalecimento da equipe de trabalho, embora o desafio que apresentava para si mesma e os seus desdobramentos, tanto do ponto de

vista do planejamento e execução eram gigantescos, pois requeria uma complexa metodologia participativa de construção de pontes entre o individual e o coletivo, o particular e o comunitário. Além de um rigoroso planejamento do aproveitamento dos recursos financeiros, ainda, tinha a dificuldade de viabilizar o projeto junto ao INCRA, que como todos os órgãos responsáveis por acompanhamento a construção de moradias de interesse social estão habituados a aprovação de projetos padronizados.



Foto 01: O detalhe nesta imagem é o feijão armazenado no canto da sala.

## **2 Os alicerces da construção: o sonho, o desejo e o envolvimento.**

Para atender a metodologia participativa adotada na elaboração dos projetos de reforma de cada casa, a equipe buscou criar condições favoráveis, no tocante às necessidades imediatas de moradia, suas expectativas, sonhos e desejos com foco nas perspectivas futuras de cada família beneficiada. Para isto, construiu um diagnóstico coletivo a partir das visitas feitas anteriormente.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

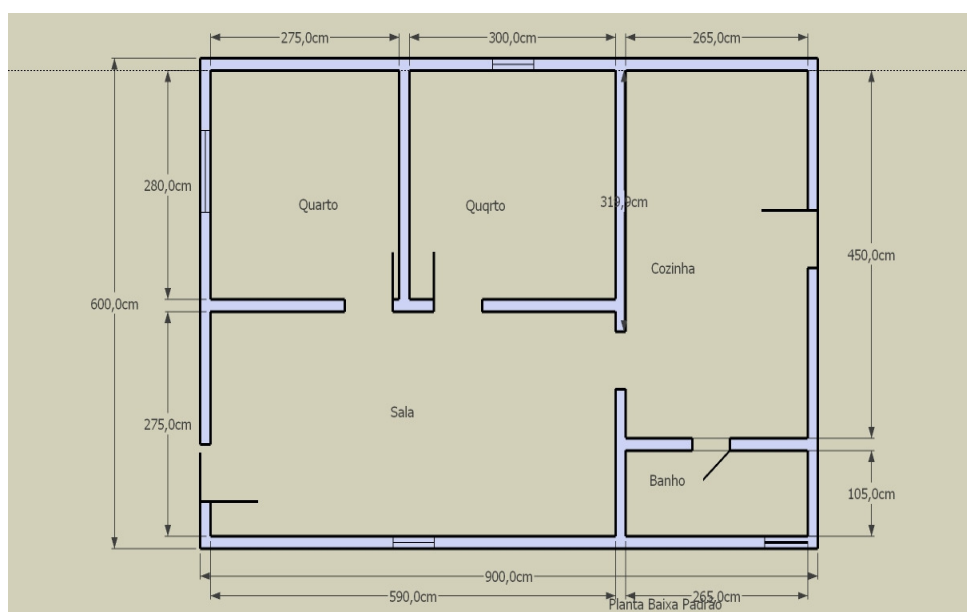
A escuta sensível se fazia necessária, pela compreensão de que mesmo o melhor dos planejamentos, aquele que se coloca objetivamente ao lado da população alvo da intervenção da ação planejada (seja de ente público ou não), dificilmente consegue aquilatar, nesse ou naquele projeto concreto, as expectativas e necessidade reais dos supostos beneficiários. Isso porque, como nos lembra o poeta sertanejo Patativa do Assaré, “a dor só é bem cantada por quem a sente”. E, sabemos bem, nem sempre, mesmo com a melhor das intenções, é possível “auscultar o coração de um povo”. Por outro lado, não raramente, a lógica do planejamento estatal, encimada pela uniformização e busca de encontro de um denominador comum que permite uma operacionalização passível de ser medida e avaliada objetivamente, é completamente incompatível com a lógica de organização social dos beneficiados pela intervenção de algum organismo do Estado. Acaba com os fins se submetendo aos meios. É mais fácil executar um projeto pra muitos do que muitos projetos pra cada um. Aceitamos o desafio: vamos fazer 20 projetos.

Desse modo, a visita às casas e as longas conversas em seu interior buscou compreender o arranjo do núcleo familiar: quantas pessoas moravam na residência, idade, sexo, atividades realizadas, nível de parentesco. Informações sobre a satisfação com a atual moradia, o que gostava na casa, e o que gostaria de mudar e por que. Sugerimos que cada família descrevesse como sonhava a sua casa, e porque a desejaria daquela forma. Muitas vezes tivemos que perguntar na mesma casa a outros membros da família. Ao esposo, ou a esposa, quando observávamos que não parecia muito satisfeito com a descrição feita por um dos pares, assim também como aos filhos e sugeria o redesenho do sonho a partir da intervenção do outro. Por fim, provocávamos se a família pensaria em planejar alguma forma de aquisição financeira que pudesse vir a complementar a reforma, fazendo uma parte neste primeiro momento e posteriormente a finalização da casa sonhada.

Foi possível perceber certa heterogeneidade no formato dos núcleos familiares. Essa é uma constatação, desde há algum tempo, abordado teoricamente pelas ciências dedicadas ao estudo da família na atualidade. Esse é um dado importante porque, acreditamos, que sem se levar em conta a especificidade do que é a família brasileira na atualidade, e, mais especialmente, a família camponesa nordestina, não se poderia

executar um projeto destinado “a melhoria das condições de habitabilidade das famílias residentes em Assentamentos”, assim como produzir políticas públicas que incidam positivamente nas suas condições de vida.

Desse modo, no projeto das casas concebido originalmente se desprezou aspectos importantes inerentes a cultura das relações e hábitos camponeses considerando, por exemplo, que nesse espaço social, a moradia é marcada socialmente pela diferença entre o que é legítimo para “ficar dentro” e o que “deve ficar fora”. “*É muito estranho sair da mesa e ir direto para o sanitário e todo mundo ver você entrando no banheiro e fechando a porta*” nos relata um dos moradores para dizer que não gosta da porta do banheiro ficar para a cozinha (Foto 02). Para alguém insensível ao universo dos valores culturais, essa é uma afirmação sem nenhum sentido, mas, para um sertanejo, essa é uma questão que lhe causa incômodos e embaraços e que, para uma redefinição positiva da habitabilidade de sua residência, deve ser resolvida.



Outra questão comum aos moradores e moradoras, dizia respeito à ausência de um alpendre, espaço da casa no qual se realiza as interações e as sociabilidades entre os “de casa” e os de “fora”. Tem-se que fazer do lado da sombra, isto é, de frente para o nascente. O sertanejo vive seu dia a dia entre a sala, o alpendre e a roça. “*Quarto é pra se dormir*” diz seu Zózimo. “*Eu gosto do lado que sopra a cruviana da madrugada. É pra sentir o ventin do poente avisando que vem chuva por aí*”.



É nesse contexto que buscamos construir o projeto de melhoria das condições de

Foto 02: Planta baixa do projeto das casas executados originalmente. Observe o detalhe da porta do banheiro abrindo para a cozinha.

habitabilidade no Assentamento Moacir Lucena. Que os sonhos e desejos de moradia, de cada família fique cunhado pelo possível, com os recursos disponíveis, mas que não suprima a vontade de voltar pra casa depois de um dia de labuto. A morada só é boa quando a gente sente uma alegria incontida de lá estar ao lado dos entes queridos.

Obviamente, todas as modificações e instalações desejadas não poderiam ser viabilizadas com os recursos disponíveis. E esse é um ponto fundamental, pois a realização de modificações levando em conta o projeto maior de habitação sonhado cria condições para que as modificações futuras venham a ser gradativamente realizadas, conforme pode ser verificado em algumas situações apresentadas a seguir:

**Protagonista 1: Irapuan e família** (casa 13 – Fotos 03 e 04): Líder da comunidade, casado, duas meninas com dois e treze anos. A casa tem um acréscimo – um espaço que armazena produtos agrícolas e ferramentas de trabalho. Irapuan e sua esposa falam com entusiasmo das mudanças que desejariam implementar em sua residência. *“Além das coisas indicadas pelo projeto, eu quero um alpendre, três quartos, cozinha, banheiro e incorporar construção existente a casa”*.

**Sonhos e desejos:** Nesta família, pode-se perceber, que há uma maior equalização na relação de gênero, e, assim sendo, a esposa expõe com mais facilidade as suas expectativas. Após cada intervenção da esposa, Irapuan, diligentemente, concordava ou ampliava a sugestão. A filha também participa do projeto sonhado, opinando e apresentando sugestões. A esposa, de forma incisiva, aponta que uma das primeiras medidas para melhorar a habitabilidade de sua moradia seria a construção de um alpendre. Irapuan concorda entusiasmadamente com essa demanda. E isso é perfeitamente explicável: liderança carismática no assentamento, ele gosta de receber pessoas e um alpendre é o lugar ideal para uma boa conversa de fim de tarde. Além

disso, preocupados com a questão de higiene e saúde, os dois reivindicam reformar completamente o banheiro, com a colocação de um piso e de azulejos. A esposa aponta a importância de azulejo e prancha na cozinha. Para um melhor desenvolvimento das atividades domésticas, inclusive para a criação de condições de uma melhor divisão desse trabalho entre o casal, reivindicam ainda a troca da pia e a instalação de uma pequena lavanderia.

### Solução Técnica:

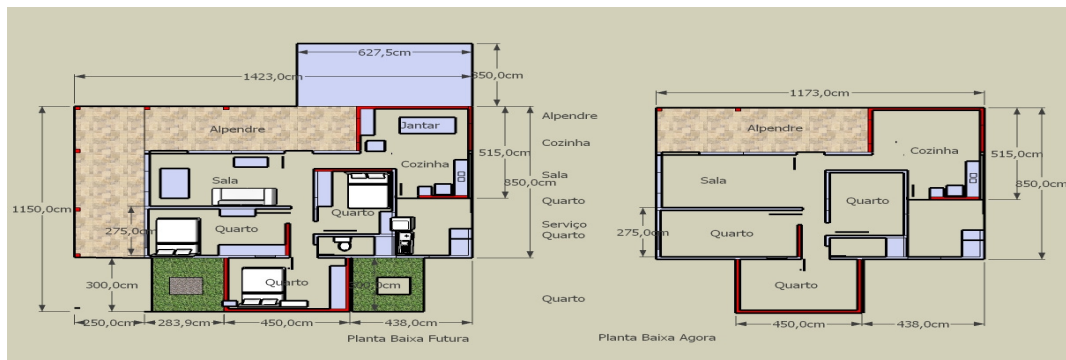


Foto 03: A esquerda o projeto futuro e a direita o projeto possível. Com um orçamento de R\$ 5.000,00 o projeto possível foi executado sem o quarto da parte inferior.

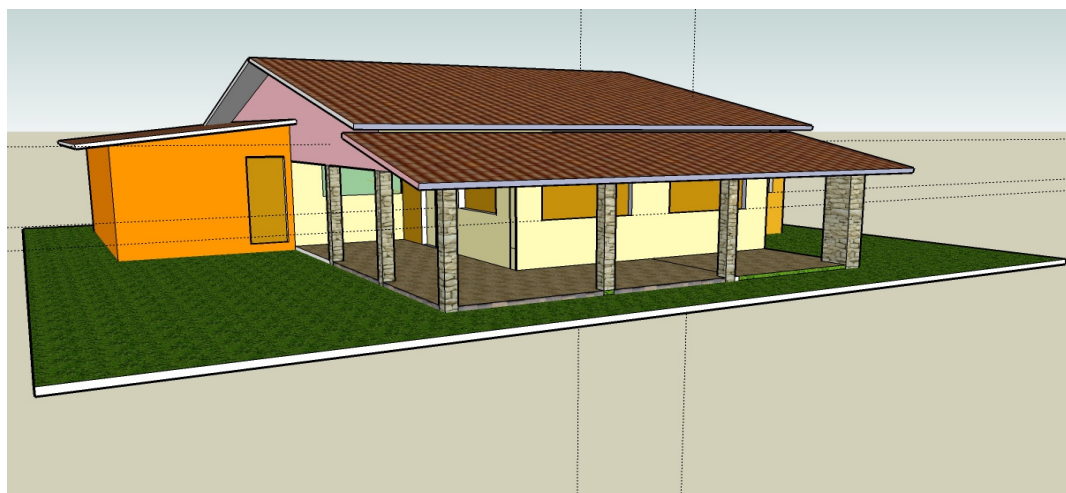


Foto 04: Perspectiva da habitação no final da última etapa.

**Protagonista 2 - A família de Rubens Clayton e Evaneide (casa 11 – Fotos 05 e 06):**

Um casal com um casal de filhos com três e cinco anos de idade.

**Sonhos e desejos:** O casal quer a instalação de um tanque para lavar roupas do lado de fora do espaço tradicional da residência. Sentem-se incomodados ainda com o fato de o banheiro localizar-se ao lado da cozinha. A proposição apresentada, para o caso, é a inversão da porta para a sala e a construção de uma parede que “camufle” o banheiro, e, ao mesmo tempo, dê uma nova funcionalidade espacial. Outras reivindicações: pia e azulejo para a bancada da cozinha e levar o fogão doméstico para o lado de fora da casa. A essas demandas, soma-se o desejo, formulado pela esposa de Rubens, de um alpendre na parte da frente da casa. Como que a confirmar as assertivas a respeito do “novo rural”, formuladas por José Graziano da Silva em inúmeros de seus estudos, o casal também busca a sua afirmação econômica através do desenvolvimento de atividades não-agrícolas. Vai nessa direção a sua reivindicação de uma área aberta para a fabricação de doces.

**Solução Técnica**



Foto 05: O projeto possível foi executado, com algumas modificações, sem a parte futura.

Foto 06: Perspectiva da habitação no final da última etapa.

**Protagonista 3 - A família de Maria Nizete Pinto (casa 19):** Dona Nizete é divorciada, tem dois netos, um genro e um filho casado que moram todos com ela. Casa com acréscimo.

**Sonhos e desejos:** Esse é um núcleo familiar revelador enquanto expressão da nova estrutura familiar brasileira, a qual tem redefinido as famílias, independente das classes sociais. Nizete reside com dois netos (de 05 e 09 anos) e o ex-genro (28 anos), pai das crianças. Ao lado, mora um filho (26 anos) casado, que é o seu “braço direito”. Como recebe constantemente outras pessoas, inclusive a sua filha, que mora fora e é mãe de seus netos, Nizete reivindica a execução de modificações e criação de novas instalações



que dêem funcionalidade e maior conforto para todos. Ela quer tirar o banheiro de lugar, mudando-o, se possível, para o espaço onde atualmente se localiza a dispensa. Na rearrumação da casa, tenciona criar mais um quarto, um espaço para que possa desenvolver as atividades de costura com colegas assentadas, uma sala e cozinha. Também quer um alpendre para, segundo ela, “*descansar um pouco no final da tarde*”. Da mesma forma, reivindica colocar lavanderia e fogão para fora da moradia. Durante a visita em sua casa percebemos também que há um problema estrutural que precisa ser enfrentado: as rachaduras da casa.

**Protagonista 4 - A família Zózimo e Balda (Casa 18):** Casal com três famílias morando juntos. Tem uma neta com dois aninhos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

**Sonhos e desejos:** Trata-se de uma família extensa, composta por três pequenos núcleos distintos. Duas filhas casadas moram na casa com os seus maridos. O casal reivindica a troca das portas e janelas e a remoção, para fora da moradia, do fogão de lenha e da lavanderia. No banheiro, que está com problemas de descargas, eles querem a instalação de chuveiro, a colocação de azulejos e de uma pia. A casa tem problemas de rachaduras. Para a sua melhoria, do ponto de vista da engenharia civil, é importante inclinar a cobertura na direção da cumeeira. Um alpendre e um local para armazenamento de “coisas” e produtos agrícolas é outra reivindicação. “*Não quero virar a casa porque a gente fica olhando o muro do vizinho*”, afirma seu Zózimo. Virar a casa para o lado da sombra, alpendre, trocar as portas e janelas, colocar piso, banheiro com caixa, cozinha auxiliar para fogão e lavanderia e pintura.

**Protagonista 5 - Dickson e Maria (Casa 05):** Casal com dois filhos (dois meninos - 13 e 10 anos)

**Sonhos e desejos:** Levantar uma parte da casa. Essa é a reivindicação primeira da família (e eles já têm um modelo para se inspirar – a casa de Kikil e Nega). A troca de algumas portas e janelas e a inversão do banheiro, além da colocação de caixa de água no banheiro são outras reivindicações da família. Desejam ainda uma remodelação da cozinha e a criação de uma área de serviço. Do ponto de vista da engenharia civil, faz-se necessária a colocação de um piso no chão da casa.

**Protagonista 7 - João Holanda (Casa 06 – Fotos 07 e 08):** Casal jovem (28 e 27 anos) com 2 filhos. Tem uma pequena bodega e quer isolar o comércio do dia a dia da família. A esposa não gosta dessa atividade misturada com os afazeres domésticos porque “*sempre aparece um pinguço pra perturbar*”.

**Sonhos e desejos:** Além do que propõe o projeto, pensar uma maneira de deixar o comércio independente da casa.

## Solução Técnica

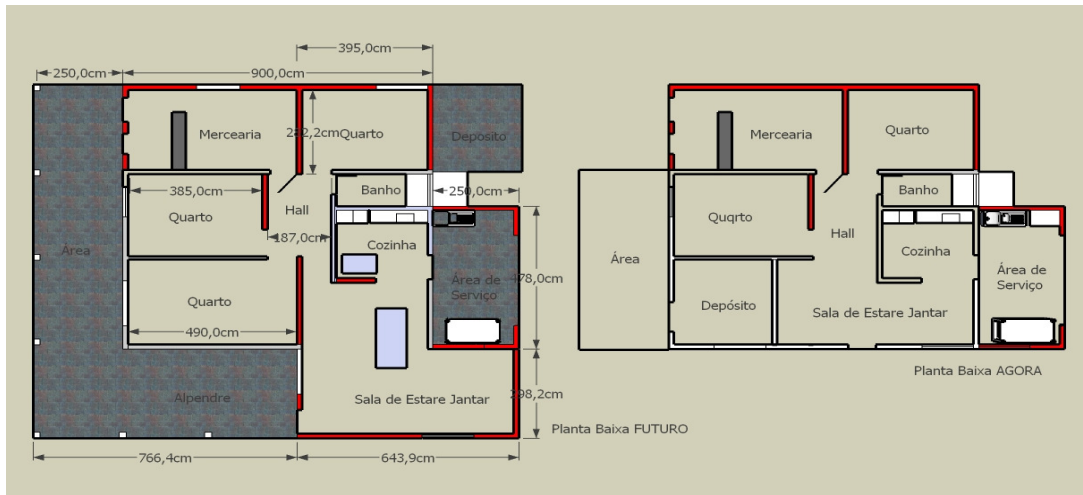


Foto 07: Projeto para o futuro e a fase executada nesta etapa.

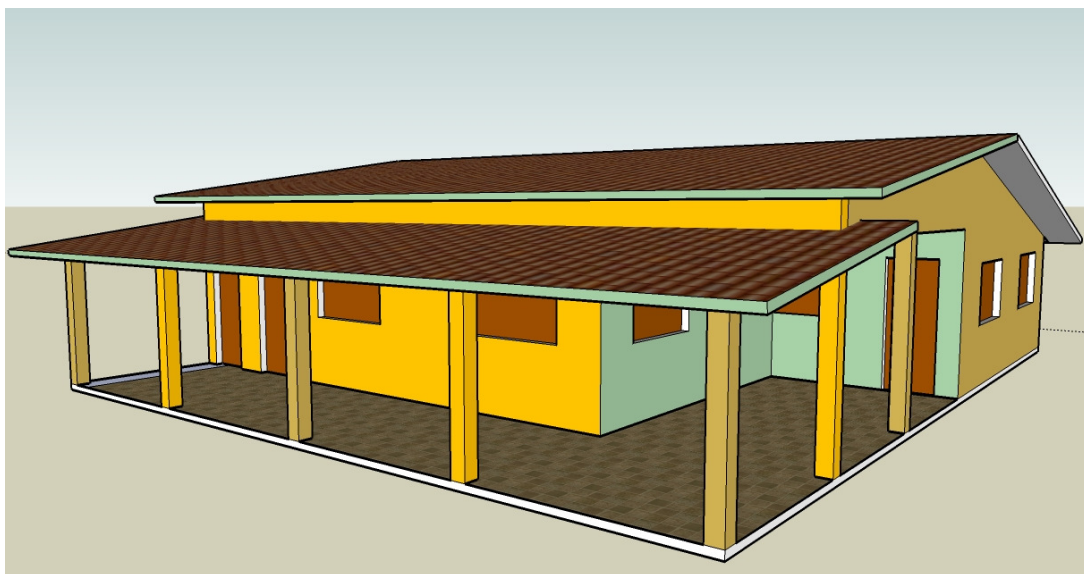


Foto 08: Perspectiva da habitação no final da última etapa.



### 3 CONCLUSÕES

O tempo dedicado à escuta das famílias constituiu o principal alicerce deste projeto. A partir das informações apresentadas, a respeito das famílias e seus desejos, podemos planejar o investimento dos recursos de uma forma muito mais racional. Por outro, nos foi possível encontrar pontos em comum – alpendre, armazém, modificações em banheiro e cozinha e troca de portas e janelas – que implicam, do ponto de vista da execução das obras e de dispêndios financeiros, em uma maior agilidade na execução do projeto. Mas, compreendemos que o mais importante foi desenvolver uma experiência orientada pela subordinação do projeto às demandas e desejos dos assentados contribuindo para o seu protagonismo e ampliando sua identificação com a ação governamental executada.

Do ponto de vista prático, executar o Projeto com a direção que adotamos implica também em aumentar o investimento simbólico e afetivo dos assentados com as suas moradias, algo que potencializará investimentos próprios no futuro, além de um maior compromisso político desses com as diretrizes de Reforma Agrária propugnadas pelo Governo Federal por meio do INCRA/MDA, cujos dirigentes estiveram várias vezes no Assentamento durante a execução do projeto.

O êxito dessa experiência proporciona um questionamento à lógica do planejamento estatal, encimada pela uniformização e a verificação de que é possível a busca de possibilidades criativas e inovadoras que permitam uma operacionalização passível de ser avaliada e melhorada, aprimorando a lógica do planejamento das construções populares, que, na maioria das vezes, apresenta-se incompatível com a lógica de organização social e familiar dos beneficiados.

Concluimos que incluir os beneficiados como cidadãos, sujeitos ativos e co-responsáveis pela construção ampliem a sua cidadania e significa um passo importante na superação do assistencialismo e para um tipo de intervenção no qual o reconhecimento do outro, no caso o beneficiado pelo projeto, como possuidor de saberes e valores que devem estar presentes na ação governamental solidifica um novo jeito de atuar nas construções de interesses sociais superando as situações, já muito conhecidas, que após a execução e realização de gastos públicos razoáveis, os supostos beneficiados não se reconhecem como realmente beneficiados. Nesses casos, perde o Estado, porque gastou recursos que não alcançaram



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

os seus fins precípuos; perde a sociedade, porque não vê os recursos oriundos dos seus impostos serem aplicados de forma racional; perde a cidadanias. Uma utilização racional dos recursos públicos, especialmente nos casos que envolvem ações de melhoria de vida de populações historicamente marcadas pela exclusão social, deve se orientar, em algum momento, por uma margem de flexibilidade na execução da ação no sentido de se adaptar às intervenções oriundas da população-alvo. Seguindo-se esse caminho, encontra-se não apenas um maior apoio e envolvimento dessa população na execução da ação, o que se reverterá em uma maximização dos resultados, mas também, o que é mais importante do ponto de vista da utilização racional do dinheiro público, em um aproveitamento ótimo desses recursos.

## **BIBLIOGRAFIA**

SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). Democratizar a Democracia: Os caminhos da Democracia Participativa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SANTOS, S. C. M. GERMANO, J. W. COSTA, A. M. M. Territorio y educación en El campo: semillas de una nueva nación. **PEDAGOGÍA 2011**. La Habana , enero de 2011

SEN, Amartya kumar. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas. O “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Sociedade e Agricultura**. Porto Alegre, n. 15, out. 2000.

UERN – PRÓ- REITORIA DE EXTENSÃO: **PROJETO DE HABITABILIDADE DO ASSENTAMENTO MOACIR LUCENA (APODI-RN): uma proposta de redefinição da sua execução a partir das expectativas, demandas e desejos dos assentados**. CENTRO RURAL UNIVERSITÁRIO DE TREINAMENTO E AÇÃO COMUNITÁRIA-CRUTAC / PROEX